



PR 25

TRILHO DA RIBEIRA LIMA



FICHA TÉCNICA PR 25

NOME DO PERCURSO
PR 25 - Trilho da Ribeira Lima (Percursos do Homem e do Garrano)

ENTIDADE PROMOTORA
Câmara Municipal de Viana do Castelo

TIPO DE PERCURSO
Pequena Rota

LOCALIZAÇÃO
várias freguesias (Meadela, Santa Marta de Portuzelo, Serreleis, Cardielos, Torre, Vila Mou e Lanheses)

DISTÂNCIA
18 Km

COTA INICIAL
3 m (Meadela); 15 m (Lanheses)

COTA MÁXIMA ATINGIDA
20 m

COTA MÍNIMA ATINGIDA
0 m

DURAÇÃO
5 h

GRAU DE DIFICULDADE
Fácil

ÂMBITO DO PERCURSO
Paisagístico/ Ecológico/ Cultural

PONTO DE PARTIDA/CHEGADA
CMIA
(41°41'48.61"N - 8°49'5.33"W)

PONTO DE CHEGADA/PARTIDA
Largo da Seara - Lanheses
(41°44'2.73"N - 8°40'28.69"W)



TRILHO DA RIBEIRA LIMA



MARCAÇÃO DO PERCURSO



CAMINHO CERTO



CAMINHO ERRADO



VIRAR À ESQUERDA | VIRAR À DIREITA

CONTACTOS ÚTEIS

- Câmara Municipal de Viana do Castelo**
258 809 300
- Viana Welcome Center**
258 098 415
- Hospital**
258 802 100
- Bombeiros Municipais**
963 442 205 | 258 840 400
- Bombeiros Voluntários**
258 800 840
- GNR**
258 840 470
- PSP**
258 809 880
- SOS**
112
- SOS Floresta**
117

LEGENDA

- PR25
- PONTOS DE INTERESSE



RESPONSABILIDADES

- Os percursos pedonais recomendados não isentam os seus utentes ou pessoas que os promovam da assunção da responsabilidade por eventuais danos materiais ou humanos que ocorram no decurso da sua realização.
- Não saia do percurso marcado e sinalizado. Esteja atento às marcações.
- Evite fazer ruído desnecessário que provoque poluição sonora perturbadora da qualidade ambiental.
- Respeite a propriedade privada.
- Não abandone o lixo. Coloque-o no respetivo local de recolha.
- Não incomode os animais nos seus habitats naturais ou pastagens.
- Deixe a natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas.
- Evite andar sozinho em espaços naturais isolados.
- Utilize sempre vestuário e calçado apropriado à prática de caminhada.
- Durante o período crítico de incêndios e fora deste período, nos dias de risco de incêndio igual ou superior a elevado, não pode fazer qualquer tipo de fogo.
- Ajude a conservar o bom estado do percurso e da sua sinalética.

GRÁFICO DE ALTIMETRIA / ALTURA / DISTÂNCIA



TRILHO DA RIBEIRA LIMA



O trilho da Ribeira Lima é um percurso pedestre denominado de pequena rota (PR), pelo que a respetiva marcação e sinalização obedecem às normas internacionais.

Este itinerário de índole cultural e paisagística percorre o Sítio rio Lima da Rede Natura 2000 ao longo de aproximadamente 18 km, através da planície aluvial da margem direita, entre o limite urbano de Viana do Castelo e a freguesia de Lanheses. Apresentando um trajeto de feição linear e plana, de dificuldade muito reduzida, pode ser usufruído na modalidade pedestre ou equestre. Este percurso bidirecional encontra-se sinalizado no terreno de forma a possibilitar a sua realização em ambos os sentidos, podendo ser iniciado junto ao Parque Ecológico Urbano **1** e das estruturas que acolhem o Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Viana do Castelo (CMIA), adjacentes à foz do Ribeiro de São Vicente e ao estuário do rio Lima, ou no Largo da Seara, **20** no centro de Lanheses.

O itinerário que o convidamos a realizar oferece-lhe a oportunidade de contactar com ecossistemas fluviais, **4** estuários e ripícolas de valiosa biodiversidade, desvendar as marcas da ocupação humana em diferentes períodos históricos e compreender os processos de construção e evolução da paisagem cultural.

No seu sector terminal, o vale do rio Lima é delimitado a Norte e a Sul por sistemas montanhosos com altitudes crescentes desde a Serra de Santa Luzia, que atinge os 500 metros, até à Serra de Arga, cujo planalto se desenvolve entre os 700 e os 800 metros. O seu leito insere-se num vale aberto e amplo, com uma extensa planície aluvial. Este é o quadro natural onde se desenvolve a milenar paisagem humanizada da Ribeira Lima. Nesta fértil várzea de solos aluvionares, o intenso e ancestral uso agrícola, apresenta-se inserido numa matriz de povoamento contínuo, embora disperso e de baixa densidade. A paisagem agrária, caracterizada pelo minifúndio e pela policultura, é marcada pela disseminação das culturas do milho e da vinha.

Acompanhando sempre as margens do rio Lima, percorremos um importante corredor ecológico. A galeria ripícola **13** encontra-se fragmentada alternando com as parcelas de cultivo. Amieiros, freixos, salgueiros, vidoeiros e carvalhos encontram-se entre as espécies mais frequentes nas faixas arbóreas ribeirinhas.

O rio Lima possui excecional valor para a conservação de espécies piscícolas migratórias, verificando-se na sua bacia hidrográfica a presença de sável, savalha e lampreia-marinha, bem como de salmão, embora em número muito reduzido. Encontra-se documentada a existência de truta no século XVIII. As zonas húmidas ribeirinhas abrigam, igualmente, habitats e ecossistemas que constituem um importante refúgio de avifauna. É possível observar uma grande variedade de aves terrestres e aquáticas ao longo de todo o percurso. Não obstante, é proposto um local privilegiado de observação de aves na veiga de Lanheses, **16** onde a grande extensão da planície aluvial, as características da galeria ripícola e a presença de campos de cultivo favorecem a riqueza ornitológica.

Pequenos embarcadouros pontuam as margens do Lima, denotando a importância da relação das populações ribeirinhas com o rio, seja pela exploração dos recursos piscícolas, seja por este ser construído no passado uma via imprescindível de transporte fluvial de pessoas e mercadorias. Dos numerosos ancoradouros localizados ao longo deste percurso ribeirinho partiam os água-arriba, embarcações tradicionais de pequeno calado, assegurando a ligação entre margens e o transporte de pessoas e carga para as duas feiras mais importantes da região do vale do Lima: a Feira de Ponte e a Feira de Viana. O escoamento comercial da madeira e do vinho verde contava com o apoio indispensável destes barcos. No sentido oposto, o sal, a cal, os adubos, o sulfato e o enxofre eram fornecidos às comunidades agrícolas por via fluvial. Correspondem a estruturas palafíticas, constituídas por estacarias, plataformas flutuantes e postes de amarração.

De jusante para montante, progredindo desde o estuário do Lima no sentido ENE, encontramos o embarcadouro da Argaçosa, **2** na freguesia da Meadela; os embarcadouros do Pinheiro **8** e de Tira Vau, **9** na freguesia de Santa Marta de Portuzelo; vestígios do antigo embarcadouro de Barco do Porto, **11** na fronteira das freguesias de Serreleis e Cardielos; o embarcadouro da Torre **15** e, no limite oriental do nosso percurso, o cais de Lanheses. Do embarcadouro do Pinheiro partia a barca para o importante núcleo de Darque. A antiguidade deste cais pode ser inferida por nela convergir uma via medieval que passa junto à Casa de Paredes (datada de finais do século XV, inícios de XVI) e na ponte medieval do Arco, em Perre. O sugestivo topónimo do lugar de Tira Vau sugere a existência de um ponto de travessia do rio Lima cuja antiguidade é desconhecida. Passar a vau designa a possibilidade de atravessar uma linha de água a pé ou a cavalo. O aumento da profundidade deste sector do leito junto à margem, em virtude da prática de extração de areia que aqui decorreu até ao início da década de noventa do século XX, foi aproveitado para a criação de um cais. Em Barco do Porto terá existido um importante embarcadouro, documentado, pelo menos, desde o século XV. Supõe-se que a sua génese seja muito anterior, provavelmente pré-romana, por se encontrar no alinhamento de eixos de acessibilidade naturais. O embarcadouro de Lanheses **17** é um lugar de significado histórico que atravessa milénios. Entre Lanheses e o Lugar da Passagem, na margem oposta do Lima, encontra-se um eixo de travessia **19** utilizado, pelo menos, há 2400 anos, conforme comprovam duas pirogas monóxilas, datadas entre os séculos 4º e 2º a.C., descobertas e recuperadas entre 2002 e 2003 nesta secção do rio. Esta travessia integra ainda um dos itinerários medievais do caminho de peregrinação para Santiago de Compostela.

A ancestralidade da presença humana neste território entre o mar, o vale e a montanha, que remonta ao V milénio a.C., é comprovada por numerosos vestígios histórico-arqueológicos, muitos coincidentes com o traçado deste percurso, outros localizados no seu território de enquadramento: desde dólmenes e gravuras rupestres, castros da Idade do Ferro, evidências de vias de circulação romanas e medievais, reminiscências de coutos monásticos outorgados no período da Reconquista e da Alta Idade Média, limites de propriedades senhoriais, casas solariegas com mais de quatro séculos, locais de exploração de sal, cite-se as salinas da Argaçosa **3** e de Portuzelo, **7** e de extração de minério cuja antiguidade se perde no tempo.

Um dos mais relevantes vestígios que encontramos num dos segmentos iniciais deste percurso, se encetado de ocidente para oriente, é um marco do antigo Morgadio de Paredes, na freguesia da Meadela, pertencente à família dos Bezerras, **5** que sucedeu no século XV a um couro monástico beneditino, constituído na Alta Idade Média.

O Castelo de Portuzelo, **6** implantado a cerca de 500 metros do rio Lima, destaca-se na mancha agrícola e edificada envolvente. Construído em 1853, por António Pereira da Cunha, é um palacete romântico, com elementos neogóticos e neomanuelinos, de feição acastelada, onde sobressai a torre central. No local onde se implanta o atual castelo, existia uma antiga casa solarenga com torre, que desde o século XIII foi cabeça do couro de Portuzelo.

A Quinta da Torre, mais conhecida por Dom Sapo, **12** na freguesia de Cardielos, faz-nos recuar ainda mais no tempo. Remontando aos primórdios da Nacionalidade ou com génese ainda anterior, a Quinta da Torre foi solar dos Barretos Velhos, onde se criou Dom Martim Sanches, filho bastardo de El-Rei Dom Sancho II, que, por tal facto, conferiu a Cardielos o privilégio de terra honrada. Desabitada desde a Idade Média e em estado de ruína progressiva, foi demolida por decisão da edilidade vianense em 1806, restando hoje a referência toponímica, a famosa lenda de Dom Sapo e a casa agrícola e respetiva quinta.

A Quinta de Santo Isidoro, **14** originalmente denominada de Casa de S. Salvador da Torre, encontra a sua génese num solar construído do séc. XVII, restaurado e ampliado no séc. XIX. Atualmente constitui uma importante quinta vitícola.

Deixe-se conduzir por esta viagem pela história natural e humana da Ribeira Lima. Na placa de sinalização de cada ponto de interesse encontrará uma breve descrição da sua importância ambiental e cultural. Se tiver curiosidade de saber mais aceda à página de internet do projeto Percursos do Homem e do Garrano através do QR code disponível.

